

“OLÁ, VIZINHOS!”: notas sobre pesquisa em grupos de condomínio no WhatsApp ¹

‘HELLO, NEIGHBOURS!’: Notes on research in WhatsApp condominium group chat

Alice Roberte de Oliveira²

Resumo: *Este trabalho analisa como os grupos de condomínio estruturam práticas comunicacionais e de sociabilidade em espaços coletivos de moradia. Os grupos são espaços de interação online de pessoas que vivem em condomínios de casas e de prédios e operam principalmente no WhatsApp. Baseada em etnografia realizada em um condomínio de quitinetes em Brasília, a investigação discute os usos e apropriações desses grupos, bem como as implicações da integração entre o online e o offline. A análise se dá à luz dos estudos em comunicação e da antropologia digital. O trabalho estabelece metodologia inovadora ao propor a análise dos grupos segundo uma escala de intimidade e a partir dos domínios da “casa” e da “rua”, característicos da sociabilidade brasileira. O estudo define os grupos de condomínio enquanto ferramenta, objeto e categoria analítica que articula a circulação de sentidos e a produção do cotidiano em muitos condomínios brasileiros.*

Palavras-Chave: Grupo de condomínio. Vizinhança. WhatsApp.

Abstract: *This paper analyses how condominium chat groups structure communicative practices and forms of sociality within collective residential spaces. These groups are online interaction spaces composed of residents living in gated housing estates and apartment blocks, operating primarily via WhatsApp. Based on ethnographic research conducted in a bedsit condominium in Brasília, the study examines the uses and appropriations of these groups, as well as the implications of the integration between online and offline spheres. The analysis is grounded in communication studies and digital anthropology. The paper advances an innovative analysis by proposing the investigation of such groups according to a scale of intimacy and through the domains of the “home” and the “street”, which are characteristic of Brazilian sociality. It conceptualises condominium chat groups as a tool, an object, and an analytical category that articulates the circulation of meaning and the production of everyday life in many Brazilian condominiums.*

Keywords: Condominium groups. Neighbourhood. WhatsApp.

1. Introdução

Uma mensagem padrão é compartilhada toda vez que um novo morador é adicionado ao grupo de WhatsApp do condomínio Residencial dos Ipês, em Brasília. A criadora do grupo de Vendas e principal administradora é Madalena, uma microempreendedora de

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Universidade de Brasília, Doutora, aliceroberte@gmail.com.

quarenta anos que fez do condomínio sua casa e espaço de trabalho. Morando no local há cinco anos, Madalena veio de Belém do Pará para ganhar a vida vendendo acessórios na capital federal. No início, a quitinete que dividia com a filha de onze anos era também o seu ateliê, mas, com o tempo, o empreendimento cresceu e ela decidiu alugar outra quitinete para ser a sede do negócio, onde poderia receber clientes, guardar o estoque de mercadorias, organizar sua logística e administrar sua loja *online*.

O grupo de Vendas é gerido por Madalena como uma extensão do seu negócio, onde ela controla as interações para que sejam breves e intencionais e apresenta as meticulosas regras:

REGRAS DO GRUPO DE VENDAS – RESIDENCIAL DOS IPÊS 📝

O objetivo do grupo é divulgar produtos e serviços oferecidos por nossos vizinhos do condomínio Residencial dos Ipês (compra, venda, desaparegos, trocas, permutas e indicações).

🕒 Horário das postagens: 9hs às 21hs

📷 Fotos:

- Com o intuito de não poluir o grupo, só serão permitidos 2 posts com fotos por turno (manhã/tarde/noite) totalizando 6 posts diários com fotos.
- Quem tiver muitas fotos, pode fazer uma colagem de fotos nestes 2 posts mas não enviem mais de 2 fotos por turno, separadamente.
- Sugerimos que coloquem preços nos produtos ou serviços.
- Os posts somente com textos são liberados.

🚫 Não são permitidos:

- A participação no grupo de pessoas que não morem no condomínio.
- Áudios
- Vídeos
- Correntes
- Memes
- Bom dia/boa tarde/boa noite
- Imagens ofensivas/grosseiras
- Temas polêmicos (política, religião, futebol, etc)

Elogios são permitidos! 🙌

Negociações apenas no privado! ➡️📱

Antes de indicar um profissional, procure saber se não há no grupo alguém que forneça o mesmo serviço ou produto. Lembre-se que o propósito do grupo é favorecer os moradores dos dois condomínios.

Não são permitidas indicações de fornecedores que não morem no condomínio, exceto no caso de não existir nenhum morador fornecendo o mesmo serviço ou produto.

👤 Quem quiser participar do grupo, será necessário informar nome, condomínio, bloco e apt. Para ser adicionado, entrar em contato nos tels:

- ➡️ 📱 XX XXX-XXXX -
- ➡️ 📱 XX XXXX-XXXX -
- ➡️ 📱 XX XXXX-XXXX -

Boas vendas! Boas compras! 🛒

O grupo funciona como uma espécie de classificados, uma OLX³ doméstica, com vendas de coisas, fórum de dúvidas e indicações de serviços. Foi nesse grupo que publiquei e vendi vários itens de casa antes de me mudar do condomínio. O rito do bazar de moradores que estão se despedindo é conhecido e esperado assim que alguém anuncia a partida do Residencial dos Ipês. No grupo, moradores também indicam profissionais que atuam nas imediações do condomínio, como chaveiro, sapateiro, costureira, salão de beleza, locais para almoço e janta com bom custo-benefício. Também recomendam profissionais para higienização de sofá, massagistas, fisioterapeutas, técnicos em máquina de lavar e ar-condicionado, faxineiras, entrega de marmitas congeladas, lavagem de roupa. Arrecadam doações para ações sociais e pedem ajuda e coisas emprestadas pontualmente (um carregador, a impressão de uma folha de papel, remédio para dor). Nestes casos, o grupo *online* dá suporte à circulação de coisas e funciona como uma vitrine digital que viabiliza o consumo.

Ocasionalmente, a espontaneidade escapa do controle de Madalena. Quando mensagens com piadas ou reclamações sobre o condomínio são enviadas por outros participantes, ela responde brevemente, pedindo que falem nos fóruns adequados, os outros grupos de WhatsApp do Residencial dos Ipês. O grupo mantém sua essência como consequência do cuidado diligente e vigilante de Madalena. Diferentemente deste grupo, que conta com as regras bastante explícitas, os demais funcionam sob códigos velados. Mas de modo geral, evita-se falar de política e religião, muito embora uma publicação ou outra sobre uma das temáticas possa escapar ao ser encaminhada por um dos membros. Grupos de venda como o deste relato etnográfico são bastante populares em condomínios brasileiros e nos dão uma amostra dos demais usos e apropriações da ferramenta em espaços coletivos de moradia.

Os usos do WhatsApp em condomínios provocam situações engraçadas, conflituosas, curiosas, absurdas e desconcertantes, com grande repercussão nas redes sociais digitais e na mídia de massa. Não é raro ver reportagens sobre etiquetas nesses grupos, se deparar com episódios de *podcasts* e esquetes humorísticas no YouTube. Os discursos acerca do tema reafirmam os grupos de condomínio enquanto prática cotidiana. Uma rápida busca do termo “grupo de condomínio no WhatsApp” no Jusbrasil, plataforma jurídica brasileira de acesso a informações sobre leis e decisões jurídicas, também reitera a relevância do tópico. A plataforma apresentava 10 mil resultados de processos ligados a estas palavras-chave em agosto de 2025.

³ Plataforma de compra, venda e troca de produtos e serviços, funcionando como um classificados *online*.

Apesar de difundidos como categoria descritiva no uso comum, os grupos de condomínio ainda não foram propriamente teorizados nas ciências humanas, tarefa a que este trabalho se dedica. Os grupos são espaços de interação *online* de pessoas que vivem em condomínios de casas e de prédios e operam principalmente no WhatsApp, servindo a uma variedade de propósitos e instaurando ritmos específicos de comunicação e de sociabilidade. Assim, definir grupos de condomínio enquanto categoria analítica contribui para a interpretação de como vivemos, dos valores e moralidades que expressamos por meio de nossas práticas e, em última instância, o que nos faz humanos. A segunda principal tarefa deste trabalho é elucidar estratégias de pesquisa para esses grupos *online*, já que investigar grupos de condomínio também traz exigências específicas aos seus pesquisadores. A grande maioria desses grupos têm um caráter muito privado e íntimo e, normalmente, só quem de fato mora no condomínio pode ser admitido nesses grupos, como o relato etnográfico acima mostrou. Aos pesquisadores também emergem questões éticas a serem ponderadas e decisões a serem tomadas à medida que as coisas acontecem no campo, demandando uma flexibilidade metodológica.

Nesse sentido, a investigação de grupos de condomínio demanda uma ferramenta teórico-metodológica capaz de dar conta de tamanha complexidade. A etnografia emerge enquanto caminho para apreender costumes, visões de mundo, agências e a circulação de sentidos vinculados aos grupos *online*, no nível particular, e capaz de conectá-los ao geral. Assim como afirma Coleman (2010, p. 495, tradução nossa), a etnografia promove a compreensão das minúcias das “experiências vividas da mídia digital”, ao examinar como, onde e por que os usos de determinadas redes importam em um contexto específico, evitando suposições sobre uma experiência digital universal. Em outras palavras, as experiências de moradia são diversas e demandam estudos situados para a compreensão dos sentidos dos usos do digital em contexto especialmente em países com dimensões continentais como o Brasil, reiterando o que outros autores já propuseram (COLEMAN, 2010; GEISMAR, 2018; HINE, 2015; MILLER; SLATER, 2003 [2000]; PINK ET AL., 2016). Para tanto, as lentes da antropologia digital são especialmente produtivas para a análise das evidências etnográficas neste estudo interdisciplinar, uma vez que a subdisciplina está comprometida com o holismo e o relativismo cultural e reconhece as materialidades, dialéticas e ambivalências do digital, que se tornaram constitutivas do que significa ser humano nos dias de hoje, assim como argumentam Miller e Horst (2021 [2012]).

Este trabalho consiste em um desdobramento de tese de doutorado que analisa a experiência de moradia em um condomínio de quitinetes na Era Digital. Nela, discuto os imbricamentos das tecnologias e plataformas digitais à sociabilidade dos moradores e à infraestrutura do condomínio que chamei de Residencial dos Ipês (OLIVEIRA, 2025). A pesquisa de campo de longa duração, realizada entre abril de 2023 e setembro de 2024, combinou observação participante, entrevistas semiestruturadas com 38 interlocutores e registro fotográfico do interior das quitinetes, além de engajamento com artefatos digitais do condomínio, em especial quatro grupos de WhatsApp. As formas de engajamento com o campo, *offline* e *online*, fizeram dela uma *etnografia multimodal*, em linha com o que Hine (2015) propõe. Para a autora, os etnógrafos precisam compreender as comunicações mediadas juntamente com as interações presenciais quando elas são significativas para as atividades dos interlocutores. Até porque, conforme Miller e Horst (2021 [2012], p. 29, tradução nossa) apontaram, “[...] ninguém vive uma vida totalmente digital e que nenhuma mídia ou tecnologia digital existe fora de redes que incluem tecnologias analógicas e outras mídias”.

Assim, este trabalho se organiza em três partes. Primeiro, faço um levantamento da literatura que conecta vizinhança e digitalização, observando as continuidades e rupturas do WhatsApp com outras tecnologias, como grupos de e-mails, blogs e grupos no Facebook. Contrária a um determinismo digital, reconheço que mídias e tecnologias como o WhatsApp e seus antecessores (fóruns no Orkut e no Facebook, blogs, listas de e-mail) não instituem as relações sociais em condomínios. A construção de vínculos entre vizinhos está sujeita a externalidades (como as condições de moradia), preferências individuais (as afinidades e o desejo de privacidade) e, por fim, a aspectos coletivos (como a normatividade sociocultural).

Na segunda seção, discuto aspectos metodológicos e procedimentos éticos do campo de pesquisa na expectativa de que eles possam inspirar outros pesquisadores. Descrevo a minha entrada em campo e pondero os desafios e oportunidades vinculados à minha posição de *pesquisadora-residente*. Embora eu tenha morado no condomínio durante dois anos antes mesmo do início da etnografia, eu também precisei conquistar a confiança dos interlocutores.

Na terceira seção, compartilho aspectos práticos da investigação conduzida no WhatsApp. A plataforma emergiu como ferramenta de comunicação com interlocutores, campo de pesquisa e objeto de investigação, exigindo múltiplas abordagens e angulações. Descrevo as funcionalidades da plataforma à época do campo e analiso o que a torna tão

relevante para a constituição desses grupos em condomínios. Integro a plataforma a uma ecologia de artefatos digitais. Isto é, inspirada em Pink et al. (2016), integro os usos do WhatsApp a processos e estruturas sociais mundanas (MILLER; SLATER, 2003 [2000]), buscando uma compreensão holística das experiências de moradia em espaços coletivos. Proponho a interpretação dos grupos a partir dos domínios da “casa” e da “rua”, criativamente teorizados por Roberto DaMatta (1997) e em uma escala de sociabilidade. Por fim, analiso os casos de quem não faz uso de nenhum artefato digital do condomínio. Concluo que a pesquisa sobre e em grupos de condomínio no WhatsApp demanda um engajamento etnográfico multimodal, com coleta de dados tanto *offline* quanto *online*.

2. A literatura sobre vizinhança e digitalização

A moradia em espaços fechados e cercados por aparatos de segurança é objeto de sólida literatura nas ciências sociais. No Brasil, autores como Caldeira (2023 [2000]), Moura (2010; 2012), Conceição (2016), Bottino (2024) e Oliveira (2025) mostraram como os condomínios, sejam eles verticais ou horizontais, de casas ou de prédios, estabelecem estilos de vida singulares e modulam o espaço urbano à sua volta. Isto é, a convivência em um espaço coletivo de moradia pressupõe uma sociabilidade singular, com a circulação e a comunicação de valores e moralidades de forma muito própria. Não à toa, há uma extensa produção bibliográfica que enfoca nas relações entre vizinhos na era pré-digital (ver COCKAYNE, 2012; MAYOL, 1998; VELHO, 1989; WILLEMS, 2019 [1941]). As relações que emergem da proximidade forçada pelo local de residência se organizam entre a cordialidade, a familiaridade, a solidariedade e o senso de pertencimento. E a chegada das tecnologias digitais a esses espaços significou a complexificação dessas relações.

Ao mapear pesquisas que tratam das relações vicinais e dos processos de digitalização, de modo mais geral, e sobre a digitalização e a vida em condomínio, em particular, me deparei com a influente produção de Hampton e Wellman (2003). Os autores investigaram, ainda nos anos 2000, a sociabilidade de um subúrbio de Toronto, no Canadá, a partir da disponibilidade da conexão banda larga e de grupos de e-mail entre vizinhos. A pesquisa qualitativa com duração de três anos apontou crescimento no volume e na extensão das relações de vizinhança, além do aumento da frequência das interações entre vizinhos (*on* e *offline*), crescimento das redes de relações e de maior participação nas esferas públicas e privadas. Os autores relatam uma série de demandas cumpridas com o auxílio da lista de

e-mails do bairro como, por exemplo, mobilização de protestos, suporte com cuidados, facilitação de discussões assíncronas, monitoramento das redondezas, todas elas apresentando continuidades em relação aos usos do WhatsApp pelos interlocutores desta pesquisa. A conclusão da investigação foi que vizinhos conectados à Internet tendem a aderir ao contato social, sendo ele *online* e *offline*.

Em *Emerging digital neighbourhoods*, o planejador urbano Mitchell (2005 [2003]) sublinhou os efeitos das novas redes de telecomunicações digitais enquanto “cola” para manter vizinhanças unidas, funcionando de modo interdependente com as interações *offline*. Ele diz: “[...] frequentemente usamos o conveniente, pouco expressivo e assíncrono e-mail para organizar interações presenciais que são escassas, caras, mas muito valiosas. Por outro lado, encontros presenciais frequentemente geram um extenso acompanhamento por e-mail” (MITCHELL, 2005 [2003], p. 100, tradução nossa), também permitindo traçar um paralelo com os usos dos grupos do WhatsApp e a interdependência com o *offline*. Aqui, interessa observar o prenúncio do que seria amplificado com artefatos digitais como o WhatsApp: a conexão dos domínios *online* e *offline* em vizinhanças.

Nesta toada, também emergiram pesquisas experimentais sobre o tema, como a de Cordeiro e Figueiredo (2012) sobre um blog de um bairro residencial em Lisboa e a proposição do conceito de “vizinhança *online*”. Na tentativa de fortalecer a convivência entre os vizinhos, autores apontam que o blog acabou se tornando uma extensão das atividades *offline*, impossibilitando separar ambas as dimensões, assim como as evidências etnográficas desta pesquisa também sugerem. Outra pesquisa experimental é a de Botton (2018), sobre a finada plataforma brasileira chamada “Tem Açúcar”, criada em 2014, para facilitar a troca de objetos e a sociabilidade entre vizinhos. O estudo se restringe à investigação *online*, deixando de lado os encontros presenciais que são essenciais para a circulação de itens entre moradores do mesmo bairro que emprestam coisas uns aos outros. Botton (2018) acaba por reafirmar a visão estereotipada da perda de aspectos comunitários nas grandes cidades. Em contraste, a etnografia que embasou este trabalho mostra que plataformas como o WhatsApp contribuem para a sociabilidade entre vizinhos de um condomínio particular, promovendo um senso de pertencimento entre os participantes desses “grupos de condomínio”.

Destaco ainda a produção de Jeff Lane (2019), *The Digital Street*, que explora a vida nas ruas do Harlem, Nova York, na era da ubiquidade das redes sociais. O autor discute como os aspectos *online* atravessam a vida cotidiana e como os limites de uma comunidade são

reorganizados pelo digital. Lane (2019) empreende uma “etnografia urbana digital”, na qual a pesquisa de campo ocorre presencialmente, no local, exigindo um esforço de *shoe leather* (referindo-se a estar fisicamente em campo), bem como no acompanhamento das redes sociais dos interlocutores, incorporando a etnografia digital à coleta de dados. Ele compreendeu que “[...] estar com a comunidade era estar presente tanto fisicamente quanto *online*” (LANE, 2019, p. 16, tradução nossa), uma vez que o código social das ruas havia sido digitalizado e transmitido para o Twitter, Facebook e Instagram. Para o autor, a integração das perspectivas *on* e *off* torna os dados mais robustos e precisos, resultando em uma pesquisa mais rica e eliminando pontos cegos de ambos os tipos de etnografia, semelhante ao que me propus a fazer nesta etnografia.

Também estabeleço um diálogo com o estudo de Natalie Dixon (2017), em Joanesburgo, na África do Sul, em que o WhatsApp figura como a principal ferramenta para a coordenação de programas de vigilância de vizinhanças. Mas, para além do papel de *neighbourhood WhatsApp*, os grupos funcionam como “âncora afetiva” das localidades, por meio da qual emergem pertencimento e coesão social, assim como o que observei em meu contexto de pesquisa. Para Dixon (2017), o WhatsApp concatena os aspectos de mobilidade aos laços sociais e à proximidade geográfica entre vizinhos. Neste sentido, a vizinhança adquire um aspecto relacional, com nova lógica e novos significados que a tornam um processo tecnológico e afetivo.

Mais recentemente, Hatuka (2024) formulou um referencial conceitual em que propõe analisar a vizinhança em contexto de digitalização a partir de quatro dimensões: 1) configuração espacial — a infraestrutura física do lugar; 2) infraestrutura digital — ou o que é viabilizado digitalmente; 3) perfil demográfico da vizinhança; e 4) nível de participação digital. A autora argumenta que o esforço para interligar os estudos de vizinhança aos do digital tem o objetivo de explorar as novas formas de participação social a partir da tecnologia e, ao mesmo tempo, entender como as práticas digitais impactam em localidades específicas (HATUKA, 2024). Em linha com o que a autora propõe, compreendo que investigar grupos de condomínio requer atenção a esta integração entre as infraestruturas (do lugar e do digital) e a agência dos habitantes, que impacta o cotidiano de vizinhanças.

No Brasil, os estudos sobre digitalidade e vizinhanças, de modo geral, e sobre digitalidade e condomínios, mais especificamente, são bastante escassos. Destaco a pesquisa de Caroline Bottino (2022), *A vizinhança tá on*, que enfatiza o protagonismo das mídias

sociais em um condomínio-clubes no subúrbio do Rio de Janeiro. A pesquisadora coloca os grupos de e-mail, de Facebook e de WhatsApp no centro da sociabilidade entre vizinhos, iniciada ainda durante a construção do condomínio, e depois tornando-se parte importante do cotidiano. O conceito de “vizinhança *online*” (BOTTINO, 2022) é produtivo para tratar das questões condominiais articuladas por meio do digital, ainda que a autora não se atenha à descrição e discussão das plataformas em questão. Esta tarefa é recomendada por Parreiras (2024) em estudo sobre “intimidades tecnologicamente mediadas” e me dedico a isso adiante.

3. Escolhas metodológicas para a pesquisa em e sobre os grupos de condomínio

A etnografia que embasa este trabalho foi realizada em condomínio de quitinetes localizado no Plano Piloto de Brasília, onde também fui moradora nos dois anos que antecederam a investigação. Assim como para outros etnógrafos que viveram em condomínios durante a realização de suas pesquisas (VELHO, 1989; MOURA, 2012; BOTTINO, 2022), morar no campo me proporcionou vantagens e os desafios particulares. A credencial de *pesquisadora-residente* foi fundamental para construção de confiança junto dos interlocutores, me permitindo adentrar em seus apartamentos e nos grupos do WhatsApp. Diferentemente de pesquisas em mídias sociais ou em comunidades em plataformas de mensageria⁴, nas quais os pesquisadores abordam participantes solicitando conexão, coletam dados de *feeds* e fóruns públicos ou espreitam grupos abertos, os grupos de condomínio no WhatsApp são íntimos e exclusivos àqueles que moram nos espaços. Ou seja, eu não teria sido admitida em alguns dos grupos se não fosse residente e se não tivesse conhecido os moradores fisicamente, por se tratar de uma pesquisa em diferentes escalas de intimidade. Destaco ainda que além das evidências coletadas durante o campo, as análises empreendidas aqui também são resultado da soma das minhas experiências pessoais em outros grupos de dois condomínios que vivi antes e depois de ser moradora do Residencial dos Ipês.

Ao mesmo tempo, “morar no campo” tornou a investigação muito intensa, já que os participantes também eram meus vizinhos, e bastava eu abrir a porta da minha quitinete para ter a possibilidade de encontrá-los. Também porque parte do campo se realizou nos grupos de WhatsApp, e mesmo estando fora do condomínio, eu carregava o Residencial dos Ipês em meu bolso, no *smartphone*. Assim, a portabilidade do *smartphone* possibilitou a copresença e uma conexão sempre ativa (DUQUE, 2022), via WhatsApp, com o campo. Contudo,

⁴ Ver Scheren (2024) e os aprendizados para pesquisa na plataforma Telegram.

“carregar a pesquisa de campo no bolso” não foi exclusivo desta pesquisa. Spyer (2015), por exemplo, relatou ter sido perseguido e assombrado por conteúdos perturbadores que seus participantes continuaram a lhe enviar via WhatsApp após o encerramento de seu trabalho de campo. Apesar das ambivalências desta posicionalidade, me exigindo o constante “estranhamento do familiar” (VELHO, 1978), ser pesquisadora-residente me possibilitou a vivência plena do cotidiano do Residencial dos Ipês, com conhecimento dos ethos e práticas dos residentes, entendimento dos afetos e relações no condomínio e vivência corporificada em uma quitinete.

Tal credencial não significou menor rigor ético. Os procedimentos éticos incluíram explicar claramente o projeto e seu caráter voluntário aos entrevistados, tanto me apresentando verbalmente como moradora e pesquisadora, como enviando formulário *online*. Contudo, a advertência quanto à minha presença enquanto pesquisadora nos grupos *online* seria extremamente prejudicial à espontaneidade das interações dos membros. O mesmo aconteceria se propusesse a participação voluntária dos interlocutores em grupos de WhatsApp criados por mim, com fins de pesquisa. Com isto, optei por participar dos grupos considerando a adaptabilidade do método etnográfico às condições de pesquisa. Ao contactar moradores para realização de entrevista via mensagem privada no WhatsApp, fui bastante clara sobre o meu interesse enquanto pesquisadora.

Para além dos protocolos, adotei a empatia como principal premissa e valor de pesquisa (MILLER ET AL., 2016; MILLER ET AL., 2021), exercendo-a de forma incorporada e cotidiana — observando discrição em relação a conversas, interações e informações compartilhadas por eles — e tendo extrema cautela e rigor quanto ao tratamento dos dados dos participantes. Em linha com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), que prevê o tratamento de dados pessoais para fins de estudos e pesquisas, realizei anonimização das características pessoais dos participantes e de seus animais de estimação, identificados por pseudônimos; bem como das particularidades do condomínio, incluindo a localização e o nome dele. Em outras palavras, Residencial dos Ipês foi criado em homenagem à vegetação nativa da capital, Brasília, localizada no Planalto Central.

Enquanto ferramenta de pesquisa, o WhatsApp exigiu técnicas e estratégias específicas. Recorri ao *acompanhamento*, proposto por Leitão e Gomes (2017), em que os trânsitos entre o *online* e o *offline* são estreitos e frequentes. Na plataforma, o perfil pessoal tem centralidade para o funcionamento da rede, com a exposição de foto e número de

telefone que impedem, por exemplo, a anonimização da pesquisadora. Como consequência, observa-se a mescla das fronteiras pessoais e profissionais, além de questões ambivalentes de privacidade e temporalidade de pesquisa, que Leitão e Gomes (2017) analisam. Percorri os domínios *on* e *off* realizando o que as autoras chamam de “observação acompanhante”, para entender como as interações *online* nos grupos de WhatsApp refletem nas interações *offline* e vice-versa. O WhatsApp também proporcionou a expansão das minhas conexões com os interlocutores e manutenção da rede de sociabilidade durante a minha pesquisa de campo, assim como na etnografia de Duque (2022) sobre envelhecimento e *smartphones* realizada em São Paulo. Assim, a plataforma consistiu tanto em ferramenta de comunicação como campo etnográfico, implicando no conhecimento técnico sobre como utilizá-la, mas também uma compreensão dos códigos sociais ligados à normatividade brasileira para interação apropriada com os interlocutores. Segui os modos e tons informais usados pelos participantes ao interagirem nos grupos, enviando figurinhas, *emojis*, fotos e reagindo às mensagens dos outros membros de forma discreta.

A coleta de dados enográficos na plataforma seguiu o ritmo de interação e a configuração das funcionalidades do WhatsApp pelos usuários. Por exemplo, considerei o desaparecimento de mensagens 24h daqueles que usam as “mensagens temporárias” e a possibilidade de exclusão dos conteúdos logo após a postagem. Com isto, precisei me atentar para registrar o mais breve possível os conteúdos e contexto das interações *online* nas notas do meu *smartphone*, para posterior comparação com as anotações de campo que descreveram situações vivenciadas *offline*. Como advertiu Lane (2019, p. 178), há um lado desafiador nesse trânsito entre o *offline* e o *online*: a possibilidade de conclusões equivocadas, caso uma dimensão se sobreponha à outra. O desafio e, ao mesmo tempo, o ponto-chave para a pesquisa, foi realizar o cruzamento entre os eventos *offline* e as interações *online*, sempre que possível, a fim de oferecer uma compreensão mais ampla e precisa. A análise do grande volume de dados da plataforma ocorreu de forma manual e analógica. Selecionei acontecimentos-chave e revisitei-os por diversas vezes, cruzando as conversas e os documentos compartilhados nos chats do WhatsApp em perspectiva com as entrevistas e as observações do campo.

As *affordances*⁵ da plataforma, como a função de “marcar uma mensagem com estrela”, foram especialmente úteis para destacar conteúdos relevantes para a pesquisa, tornando-se uma *affordance-em-prática*, nos termos de Costa (2018). Isto é, as *affordances* são as possibilidades de ação de um artefato tecnológico e têm um aspecto relacional: refletem a conexão entre o objeto, as formas de apropriação do usuário em contexto e suas consequências (COSTA, 2018). Isso facilitou a localização do conteúdo na função “mensagens marcadas com estrela” da plataforma e possibilitou o retorno ao contexto da conversa.

A possibilidade de acessar documentos enviados pelo WhatsApp na aba “Docs” foi igualmente importante para a pesquisa. Nas ocasiões em que foi necessário comunicar aos moradores sobre manutenções e demandas gerais, o responsável pelo perfil comercial do condomínio fazia transmissões pelo WhatsApp, enviando em PDF os comunicados formais que ainda são tradicionalmente impressos e afixados nos elevadores. Por meio da funcionalidade “Docs”, eu conseguia acessar mais rapidamente o que fora encaminhado pelo síndico, tanto para informar como para fazer política. A ferramenta cria uma linha do tempo mensal do que foi enviado e permite uma visualização rápida, algo que pode ser utilizado em contextos de prestação de contas e transparência em um condomínio, por exemplo. O recurso “Docs”, nesses casos, é mais um exemplo de *affordance-em-prática* (COSTA, 2018) no contexto da pesquisa. Ele possibilitou compreender a lógica de compartilhamento de documentos e informações por meio da ferramenta — práticas que não são neutras, especialmente em contextos de conflitos, como ocorre no Residencial dos Ipês.

4. A ecologia de artefatos digitais do condomínio

Durante o campo de pesquisa, observei que há uma variedade de tecnologias, mídias e plataformas em uso pelos moradores, síndica e funcionários do Residencial dos Ipês. São elas: o *software* onde se realiza o *download* do boleto das taxas condominiais; o e-mail para registro formal de reclamações e solicitações; o perfil *business* no Google onde são publicadas fotos e comentários (*reviews*) dos moradores; dois perfis do condomínio em redes sociais; e o WhatsApp, com usos que se desdobram tanto na Lista de Transmissão e no chat com a administração, via conta Business, gerenciada pela síndica; como nos grupos de

⁵ Um fator complicador é a tradução do termo para o português, quando *affordance* se torna sinônimo de funcionalidade (*feature*). Por uma questão prática de escrita, faço uso intercambiável desses termos, mas tenho no horizonte que ela se estabelece em relação às formas de apropriação das tecnologias pelos interlocutores.

moradores, constituídos informalmente, em diferentes temporalidades, e para diversos propósitos. Chamei esse conjunto de *ecologia de artefatos digitais*, uma vez que eles estão interconectados em relação interdependente, teorizada por Madianou e Miller (2012) como “polimídia”, em que as plataformas são escolhidas com base nas *affordances*, mas também segundo aspectos morais e emocionais dos participantes.

Cabe destacar que no condomínio há um plano básico de Internet (10MB) disponível a todos os moradores, já incluído na taxa condominial. Uma empresa de fibra óptica é responsável pela instalação de modem para replicação do sinal *Wifi* e dá suporte aos moradores com assistência técnica via WhatsApp. Mas nem todos os moradores têm letramento que os permita qualidade ou fluência nos usos de todos esses artefatos, contudo, é possível falar em padronização das condições de acesso à Internet, e da ubiquidade do WhatsApp (em linha com o contexto brasileiro, elaborado logo mais).

O campo mostrou que o WhatsApp é o artefato⁶ digital de maior relevância no condomínio, tanto em termos de frequência no uso pelos moradores como na articulação de dimensões social e material do condomínio. Isto se dá por aspectos específicos da plataforma, discutidos a seguir para evitar abordagem naturalizada da tecnologia (Parreiras, 2024). A ampla adesão à plataforma em países como o Brasil, segundo Johns et al. (2024), se deve a aspectos como: baixo consumo do pacote de dados (sendo de uso ilimitado nas principais operadoras telefônicas); interface amigável, funcionalidades orientadas à intimidade e privacidade (possibilidade de criação de grupos e comunidades, além da criptografia); capacidade de compartilhamento (de arquivos multimídia e a funcionalidade da lista de transmissão); e orientação ao negócio (facilitando contato, vendas e transações). Ao tornar-se o meio pelo qual muitas pessoas passaram a organizar suas vidas, o WhatsApp é mais que um aplicativo de mensageria, é um dispositivo para trocas simbólicas e organização da vida cotidiana, uma “tecnologia da vida”, como argumentaram Cruz e Harindranath (2020). Contudo, como argumenta Parreiras (2024) em estudo sobre a plataforma, deixamos de notar o WhatsApp por seu aspecto mundano, com usos incorporados em nosso dia a dia.

A funcionalidade da criação de grupos da plataforma é especialmente relevante para este estudo e surgiu em 2011, dois anos após o lançamento da plataforma, em 2009. Os grupos são salas de *chat* que qualquer pessoa pode criar, permitindo a troca de mensagens e

⁶ Por artefatos digitais, me refiro às plataformas, arquivos, objetos digitalizados, apoiada em autores que pensam as especificidades das coisas na cultura digital (Machado, 2018; Geismar, 2018; Parreiras, 2024).

conteúdos (textos, áudios, fotos, vídeos, *gifs*, *memes*, figurinhas, *emojis* e documentos⁷) entre todos os participantes em uma única conversa. As interações podem acontecer em tempo real (síncronas) ou com respostas ao longo do tempo (assíncronas), o que transforma o grupo em um fórum contínuo, no qual diversos assuntos podem ser discutidos simultaneamente. As mensagens podem ser enviadas publicamente, respondidas diretamente na conversa ou respondidas de forma privada ao remetente. Também é possível reagir às mensagens com *emojis*, facilitando interações rápidas e expressivas. Os conteúdos aparecem com a etiqueta “encaminhado” ou “encaminhado com frequência”, quando não são originais do remetente. Todos os arquivos compartilhados podem ser acessados na aba “informações do grupo”, onde também é possível visualizar a descrição do grupo (com regras e propósito), ajustar notificações (silenciar por 8h, uma semana ou indefinidamente) e ver a lista de participantes, identificados por nome, foto, *status* e, se aplicável, o rótulo de “admin” (os administradores).

Os administradores são revestidos de poder sob o grupo: adicionam ou removem participantes, definem permissões, definem o nome e o ícone do grupo e controlam quem pode enviar mensagens. Por exemplo, um dos grupos passou por diferentes regimes de controle, com a síndica ora incluída e ora excluída do grupo; ora com seu “opponente” (um ex-síndico) sendo o único administrador e, posteriormente, com todos os integrantes com a função de administradores. As mudanças, aparentemente triviais, afetaram diretamente o fluxo de informações entre os moradores e refletiram disputas políticas internas no Residencial dos Ipês. Em outro momento, fui removida do grupo dos donos de *pet* junto de outros moradores que também não têm animais, após um administrador notar a existência de outro grupo no WhatsApp com praticamente os mesmos participantes, mas mais apropriado para “prosas” e para o bate-papo informal. Isso mostrou a fluidez na formação dos grupos, com regras criadas e reelaboradas pelos membros de tempos em tempos. À época do campo, o menu de “Inteligência Artificial” não estava disponível aos usuários e não havia exibição de anúncios no *status*, tampouco existiam os canais pagos.

As interações nos grupos de condomínio no WhatsApp contrastam com o formato das deliberações coletivas garantidas por leis, que deve acontecer pelo menos uma vez ao ano de forma síncrona, no formato *online* ou *offline*. As assembleias precisam ser agendadas e publicizadas previamente, obedecem a um rito burocrático e muitas vezes não contam com a presença dos interessados (os proprietários adimplentes). Já os grupos de WhatsApp, muito

⁷ Em word, PDF, excel, zip, com até 100 MB.

embora não substituam as “reuniões de condomínio” formais, funcionam como lugar alternativo de deliberação, em que moradores discutem questões específicas do dia a dia. Além das possibilidades de conversas síncronas e assíncronas, o WhatsApp promove a copresença, a sensação de estar junto, ainda que em diferentes localidades, e a conexão *always-on* (em funcionamento contínuo) dos moradores (DUQUE, 2022). As *affordances* da plataforma são bastante convenientes em condomínios residenciais, congregando inquilinos e proprietários para debater temas dos interesses privados e coletivos a qualquer tempo. Ou seja, o WhatsApp amplifica a frequência e o alcance das interações, trazendo velocidade às trocas simbólicas e alterando aspectos espaço-temporais das relações vicinais. O campo de pesquisa sugeriu que a possibilidade de engajamento cotidiano em questões diversas é o fator que popularizou a plataforma nesses espaços coletivos de moradia.

5. A “casa” e a “rua”: sociabilidade escalonável no WhatsApp

Durante a etnografia, participei de quatro grupos de condomínio do Residencial dos Ipês. Os grupos foram criados para diferentes propósitos e, ao longo do campo, mudaram o foco com novos integrantes sendo adicionados. Considerando a pesquisa etnográfica como uma fotografia de um momento em permanente transformação, destaco as características dos grupos identificados por seus pseudônimos abaixo:

a) *Geral*: o grupo serve à discussão de questões gerais do condomínio como manutenção e reparo, organização para participação em assembleia, avisos de acontecimentos na vizinhança. Apesar de não contar com regras explícitas, o grupo é restrito aos moradores e proprietários de unidades no Residencial dos Ipês. A síndica não participa do fórum.

b) *Vendas*: criado para vendas e trocas de produtos entre moradores, além de circularem a indicação de serviços. O grupo é expressamente restrito a moradores e as regras de conduta são publicadas sempre que um novo membro é adicionado, além de constarem na descrição do fórum. Duas moradoras e a zeladora são as administradoras.

c) *Pets*: o grupo foi criado por moradoras para compartilhamento de informações diversas aos donos de animais de estimação que moram no condomínio. Avisos sobre pulgas no gramado coletivo, indicação de *pet shops*, combinados sobre a hora de passear e levá-los para “brincar” acontecem nesse grupo. O grupo é restrito aos donos de *pets*, contudo, alguns simpatizantes de animais acabaram sendo admitidos. A síndica não participa dele.

d) Conversa: o grupo foi criado para moradores dispostos a se conectarem e socializarem. Admite amigos de amigos que frequentam o condomínio, configurando uma rede expandida. Serve a organização de encontros, compartilhamento de fotos e vídeos pessoais. A síndica não participa dele.

Para melhor compreender e teorizar sobre os usos dos grupos no Residencial dos Ipês, eu combinei dois conceitos. O primeiro é a “socialidade escalonável” (*scalable sociality*) do projeto etnográfico global que deu origem à publicação *How the world changed social media* (MILLER ET AL., 2016) e consistiu em um mapeamento dos usos contextuais das redes sociais em oito países. O conceito descreve os usos de aplicativos e mídias sociais em uma gradação de intimidade, do âmbito mais privado para o mais público e dos grupos menores aos grupos maiores. De acordo com os autores, em uma ecologia com diferentes mídias sociais disponíveis à época aos usuários entrevistados (Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp, Snapchat), o WhatsApp estaria no âmbito mais íntimo, enquanto o Facebook estaria na esfera pública. Para a pesquisa que embasa este trabalho, a “sociabilidade escalonável” contribui para classificar os grupos da mesma plataforma, de acordo com gradações de intimidade.

Ao identificar que os membros se comportam de maneiras distintas de acordo com os vários níveis de intimidade, articulei esse conceito aos domínios da “casa” e da “rua”, criativamente teorizados por Roberto DaMatta (1997). O antropólogo argumenta que os domínios compreendem códigos sociais por meio dos quais a sociedade brasileira pode ser lida. O domínio da “rua” é onde se usa linguagem formal, autoridade, burocracia, as leis e impessoalidade, do indivíduo (DAMATTA, 1997). Em contraste, o domínio da “casa” é guiado pela intimidade, amizade, relações calorosas, causalidade e espontaneidade, da pessoa (DAMATTA, 1997). Há ainda um terceiro domínio, o do “outro mundo”, que não vem ao caso aqui. Para o antropólogo, nossos rituais, comportamentos, retórica, ética e valores são configurados e expressos de acordo com cada um desses domínios. Os domínios não estão em oposição, mas em correlação e contrastam os comportamentos e o ethos dos indivíduos em diferentes contextos, criando ou recriando a experiência social brasileira (DAMATTA, 1997, p. 19). Por exemplo, embora os participantes estejam em mais de um grupo *online*, em cada espaço eles operam sob diferentes códigos sociais e observam gradações de intimidade.

A sistematização em domínios e escala contribuiu para a compreensão dos grupos em sua complexidade comunicativa e social. Por exemplo, percebi que, nos grupos *Pet* e de

Conversa, os moradores organizam *brunches* aos domingos e almoços nas casas uns dos outros, celebram aniversários e coordenam despedidas como o meu “bota-fora” quando me mudei do condomínio. Nos grupos de caráter mais íntimo, os membros compartilham momentos pessoais em dinâmica semelhante ao uso do Facebook ou Instagram. Fotos do pôr do sol, passeios de bicicleta, partidas de vôlei, uma nova barba ou corte de cabelo, quando alguém está bem-vestido, as fotos de uma festa da qual participaram juntos são compartilhadas no grupo e os membros interagem de forma calorosa e íntima. De modo semelhante aos grupos de WhatsApp de “famílias ampliadas”, de tios e primos (DUQUE, 2022), os participantes interagem cotidianamente de forma calorosa, denotando amizade e intimidade próprias do domínio da “casa” (DAMATTA, 1997). As interações nas áreas comuns fortalecem os vínculos que espelham e impactam as interações *online*.

No espectro menos íntimo (nos grupos Geral e de Vendas, como o exemplo descrito na introdução deste trabalho), os integrantes tendem a adotar o tom burocrático e impessoal da “rua”, falando na terceira pessoa, replicando a legislação brasileira, a convenção do condomínio e até frases de filósofos para disciplinar os demais e promover a própria ideia de democracia e de “boa convivência”. Os moradores evitam confrontar ou expor diretamente os outros ao discutir questões coletivas e expressar insatisfações sobre o condomínio. Esse tipo de conversa normalmente ocorre no grupo Geral, onde criticam o síndico pela falta de manutenção no Residencial dos Ipês ou apontam que moradores usam a garagem para guardar seus pertences pessoais e o elevador como “transporte privativo”.

Cabe sublinhar que a aplicação dos conceitos é uma proposição analítica para classificar e qualificar os usos dos grupos de WhatsApp segundo uma vastidão de propósitos, processos e acontecimentos, que implicam em uma série de consequências *online* e *offline*. O objetivo deste recurso é mapear a circulação de sentido e de valores, bem como a construção de vínculos sociais. Portanto, constitui uma construção teórica estratégica contingencial, sabendo que há outros eixos possíveis de hierarquização e organização. Em outros condomínios, por exemplo, um único grupo de WhatsApp pode abranger diversos propósitos, operando sob ambos os códigos sociais. Também é importante dizer que há uma fluidez entre os domínios que escapa a essa sistematização. Por vezes haverá o compartilhamento de memes e figurinhas no grupo Geral, remetendo à descontração típica do domínio da casa; e por vezes o grupo de Conversa vai ser palco de discussões formais como o plano de internet coletivo. Todavia, essas variações são momentâneas.

Além dos que participam ativamente, há muitos moradores que mantêm o “grupo silenciado” (com notificações desativadas indefinidamente) e raramente interagem em grupos de condomínio. No meu contexto de pesquisa, as evidências sugerem várias razões para a pouca ou inexistente interação no grupo de Vendas e no Geral (menos íntimos), em contraposição ao grande volume de interação no grupo dos *Pets* e de *Conversa* (mais íntimos). Por exemplo, há a questão da empatia e da simpatia com quem fala e o tema que está sendo debatido: tendemos a responder a quem conhecemos e a falar sobre o que sabemos por existir um custo social envolvido na exposição de opiniões. Os membros evitam deixá-los para não perder oportunidades (em grupos formais) ou magoar os sentimentos dos participantes (grupos informais), como já argumentaram Garcia e Vivacqua (2021) em estudo brasileiro sobre as motivações para sair de grupos de WhatsApp.

Quanto aos que não participam dos grupos, identifiquei duas motivações principais. Alguns moradores não socializam com os vizinhos por uma suposta falta de afinidade ou para evitar uma intimidade desnecessária. Eles argumentaram manter certa distância para não criar uma nova camada de contato (no *online*), mostrando ser a agência humana a principal prerrogativa para a constituição ou não de laços em condomínios, sejam eles fortes ou frágeis, como outrora teorizou Granovetter (1973). Outros moradores simplesmente não estavam cientes dos grupos de WhatsApp, o que relaciono a uma rotina agitada e ao aspecto transitório da quitinete em sua trajetória de moradia. Há ainda as pessoas que optaram por sair dos grupos após conflitos de várias naturezas, mostrando que a participação neles está atrelada aos afetos e desafetos, reiterando a interdependência do *online* e do *offline* em vizinhanças na Era Digital, como já argumentaram outros autores (HAMPTON; WELLMAN, 2003; MITCHELL, 2005[2003]; CORDEIRO; FIGUEIREDO, 2012; BOTTINO, 2022). Mesmo mantendo-se “desconectados” do grupo no WhatsApp, eles têm suas rotinas no condomínio impactadas pelo que é articulado digitalmente.

6. Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se caracterizar e categorizar os grupos de condomínio, amplamente popularizados no dia a dia do brasileiro. Ao transformar a categoria descritiva de amplo reconhecimento e circulação na sociedade em categoria analítica, pretende-se apontar caminhos para a compreensão dos usos e apropriações desta plataforma em contexto.

A abordagem etnográfica foi crucial para a compreensão dos usos e apropriações deste artefato, as continuidades e descontinuidades das práticas de vizinhança na era pré-digital, e os valores e moralidades que emergem dos usos desses grupos. A pesquisa de campo exigiu a construção de confiança dos participantes tanto fisicamente quanto *online*, fazendo do engajamento multimodal (Hine, 2015), com coleta de dados *offline* e *online*, não uma opção, mas uma premissa. Ser pesquisadora-residente foi determinante para fazer parte de grupos exclusivos do WhatsApp e compreender suas dinâmicas, que são variáveis e mutáveis. Em pesquisas como essa, é importante discutir o WhatsApp como uma ferramenta de comunicação com os participantes, como objeto de pesquisa e como campo, exigindo múltiplas abordagens. O pesquisador deve compreender não apenas as suas funcionalidades, mas o código moral que vigora nas interações e que se vincula a uma normatividade sociocultural específica. Ao narrar o *backstage* da pesquisa em e sobre grupos de condomínio no WhatsApp, apresentei as singularidades metodológicas que podem inspirar outros pesquisadores desta temática.

Para compreender os usos e apropriações da plataforma em contexto, observei os seguintes aspectos nos grupos: quem são os administradores e participantes – se são proprietários, inquilinos, se o síndico está incluído ou não, se o grupo é apenas para residentes, se mais de um membro da família participa do grupo do condomínio; quantos participantes integram o fórum em comparação com o total de unidades autônomas do condomínio; o propósito do grupo; o tom e a linguagem das conversas (se predomina o tom mais sério ou informal, e se os integrantes usam figurinhas, memes, links externos ou mensagens de “bom dia”); por fim, se as regras veladas ou explícitas. Além da descrição densa dos grupos, quando vistos enquanto objeto de pesquisa, demonstrei a importância das *affordances* da plataforma à época do campo, uma vez que elas implicam em estratégias específicas para a coleta de dados e que o WhatsApp se atualiza de tempos em tempos, implicando em novas possibilidades de investigação.

No Residencial dos Ipês, o WhatsApp tornou-se o artefato mais proeminente de uma ecologia digital por suas *affordances* particulares. Ele consiste no espaço onde os moradores trocam e vendem itens, adquirem informações, articulam campanhas, estabelecem vínculos sociais, constroem confiança e coesão, cuidam de quem precisa. A plataforma também engaja inquilinos e proprietários em discussões sobre questões de interesse privado e coletivo que resultam em intervenções na construção material. A portabilidade do *smartphone* e a

capacidade de conexão *always-on* do WhatsApp reorganizam a relação até então restrita aos encontros fortuitos nas áreas comuns e nas assembleias anuais, configurando um espaço alternativo de articulação dos moradores. Por isso, situo o WhatsApp em uma ecologia e em relação à sociabilidade *offline*. Artefatos como o WhatsApp reestruturam temporalidades, ao propor novos ritmos e dinâmicas de interação; e instauram novas espacialidades, ao permitir a mobilidade do condomínio. Nesse sentido, os grupos de condomínio emergem como artefatos que articulam a circulação de sentidos e a produção do cotidiano em espaços coletivos de moradia brasileiros.

Referências

- BOTTINO, C. **A vizinhança tá on: o protagonismo das mídias sociais em um condomínio clube no subúrbio do Rio de Janeiro**. 2022. 200 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.
- BOTTON, F. F. **Vizinhança e Internet: Notas etnográficas sobre a sociabilidade entre vizinhos a partir de uma análise da rede social on-line Tem Açúcar**. Ponto Urbe, São Paulo, n. 22, p. 1-25, 2018.
- CALDEIRA, T. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2003 [2001].
- COCKAYNE, Emily. **Cheek by jowl: a history of neighbours**. London: The Bodley Head, 2012.
- COLEMAN, G. E. **Ethnographic Approaches to Digital Media**. Annual Review of Anthropology, [S. l.], v. 39, p. 487-505, 2010.
- CONCEIÇÃO, W. da S. **Minha casa, suas regras, meus projetos: gestão, disciplina e resistências nos condomínios populares do PAC e MCMV no Rio de Janeiro**. 2016. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- CORDEIRO, G. I.; FIGUEIREDO, T. **Intersecções de um bairro online: reflexões partilhadas em torno do blogue Viver Lisboa**. In: MENDES, Maria M. et al. A cidade entre bairros. Lisboa: [s.n.], 2012. p. 9-20.
- COSTA, E. **Affordances-in-practice: an ethnographic critique of social media logic and context collapse**. New Media & Society, London, v. 20, n. 10, p. 3641-3656, 2018.
- CRUZ, E. G.; HARINDRANATH, R. **WhatsApp as ‘technology of life’: reframing research agendas**. First Monday, [S. l.], v. 25, n. 12, 2020.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DIXON, Neill. **Stranger-ness and belonging in a neighbourhood WhatsApp group**. Open Cultural Studies, v. 1, n. 1, p. 493-503, 2017.
- DUQUE, M. **Ageing with Smartphones in Urban Brazil**. London: UCL Press, 2022.
- GARCIA, A. C. B.; VIVACQUA, A. **Should I stay or should I go? Managing Brazilian WhatsApp groups**. First Monday, [S. l.], v. 26, n. 2, 2021.
- GEISMAR, Haidy. **Museum Object Lessons for the Digital Age**. London: UCL Press, 2018. E-book.
- GRANOVETTER, M. S. **The strength of weak ties**. American Journal of Sociology, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- HAMPTON, K.; WELLMAN, B. **Neighboring in Netville: how the internet supports community and social capital in a wired suburb**. City & Community, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 277-311, 2003.
- HATUKA, T. **A conceptual framework for understanding neighbourhoods in the digital age**. Urban Studies, [S. l.], v. 61, n. 16, p. 3232-3246, 2024.
- HINE, C. **Ethnography for the Internet: Embedded, embodied and everyday**. London: Bloomsbury, 2015.
- JOHNS, A.; MATAMORROS-FERNÁNDEZ, A.; BAULCH, E. **WhatsApp: From a One-to-One Messaging App to a Global Communication Platform**. 1. ed. Cambridge: Polity, 2024. (Digital Media and Society).
- LANE, J. **The Digital Street**. New York: Oxford University Press, 2019.
- LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões**. Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, p. 41-65, 1. sem. 2017.

- MACHADO, M. **A teoria da antropologia digital para as humanidades digitais**. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 20-35, 2018.
- MAYOL, P. The neighborhood: Problematics. Whats is a Neighborhood? In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **The practice of everyday life. Volume 2: Living & Cooking**. Translated by Timothy J. Tomasik. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998. p. 15-25.
- MITCHELL, W. J. **Emerging digital neighbourhoods**. In: NEAL, Peter. Urban Villages and the making of communities. London: Spon Press, 2003.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. **The internet: an ethnographic approach**. Oxford: Berg, 2000.
- MILLER, D.; HORST, H. **Six principles for a digital anthropology**. In: GEISMAR, H.; KNOX, H. Digital Anthropology. 2. ed. London: Routledge, 2021.
- MILLER, D. et al. **How the World Changed Social Media**. London: UCL Press, 2016.
- MILLER, D. et al. **The Global Smartphone: Beyond a Youth Technology**. London: UCL Press, 2021.
- MOURA, C. P. de. **Condomínios e Gated Communities: por uma antropologia das novas composições urbanas**. Anuário Antropológico, Brasília, v. 35, n. 2, p. 219-243, 2010.
- MOURA, C. P. de. **Condomínios no Brasil Central: Expansão urbana e antropologia**. Brasília: Editora UnB, 2012.
- OLIVEIRA, Alice Roberte de. **The digital block: um condomínio de quitinetes na era digital**. 2025. 305 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2025.
- PARREIRAS, C. **Etnografia e uso de plataformas digitais: aprendendo com o WhatsApp**. Novos Debates, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 1-21, 2024.
- PINK, S. et al. **Digital Ethnography: Principles and Practice**. London: SAGE, 2016.
- SCHEREN, M. L. et al. **Métodos mistos para a antropologia digital: um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 30, n. 68, p. e680407, 2024.
- SPYER, Juliano. **Fieldwork is haunting me, thanks to WhatsApp**. UCL Blogs, 3 nov. 2015. Disponível em: <https://blogs.ucl.ac.uk/global-social-media/2015/11/03/fieldwork-is-haunting-me-thanks-to-whatsapp/>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- VELHO, G. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.
- VELHO, G. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- WILLEMS, E. **Contribuição para a Sociologia da Vizinhaça**. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 18, n. 52, p. 159-170, abril de 2019 ISSN 16768965.